

## Considerações sobre a narrativa em primeira pessoa no podcast Praia dos Ossos

*Insights on first-person narrative in the podcast Praia dos Ossos*

*Consideraciones sobre la narración en primera persona en el podcast Praia dos Ossos*

Marcelo Kischinhevsky; Kátia Fraga; Leonardo Couto

### Resumo

O artigo discute o impacto das narrativas em primeira pessoa sobre a reconfiguração do jornalismo sonoro, a partir do podcast Praia dos Ossos, lançado em 2020 pela Rádio Novelo. Parte-se da perspectiva da Análise Crítica da Narrativa (MOTTA, 2013) e do conceito de "eupistemologia" (VAN ZONEN, 2012) para se debater a guinada subjetivista que coloca os bastidores da apuração jornalística e a opinião pessoal de apresentadores em primeiro plano, gerando engajamento da audiência a partir de táticas de contação de histórias, como a construção da intriga e o uso de ganchos, típicos da ficção seriada. Conclui-se que o uso da primeira pessoa liberta jornalistas do mito da objetividade, mas traz consigo enorme responsabilidade ética e impõe uma rediscussão de práticas de apuração, checagem e transparência.

**Palavras-chave:** Rádio; Podcasting; Jornalismo; Narrativa sonora; Eupistemologia.

### >> Como citar este texto:

KISCHINHEVSKY, Marcelo; FRAGA, Kátia; COUTO, Leonardo. Considerações sobre a narrativa em primeira pessoa no podcast Praia dos Ossos. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 14, n. 03, p. 113-139, out./dez. 2023.

### Sobre os autores

Marcelo Kischinhevsky

[marcelo.kisch@eco.ufrj.br](mailto:marcelo.kisch@eco.ufrj.br)

<https://orcid.org/0000-0002-4838-2162>

Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) e dos cursos de Jornalismo e Radialismo da Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde dirige o Núcleo de Rádio e TV. É doutor em Comunicação e Cultura pela mesma instituição e bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Kátia Fraga

[katiafraga@ufv.br](mailto:katiafraga@ufv.br)

<https://orcid.org/0000-0002-8723-0014>

Professora do curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa (UFV), doutora em Extensão Rural pela mesma instituição e pós-doutoranda junto ao PPGCOM da ECO/UFRJ.

Leonardo Couto

[leonardocouto7946@gmail.com](mailto:leonardocouto7946@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-7309-3939>

Mestrando no PPGCOM da

ECO/UFRJ, com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq

### **Abstract**

The article discusses the impact of first-person narratives on the reconfiguration of audio journalism, taking as a starting point the podcast Praia dos Ossos, launched in 2020 by Radio Novelo. From the perspective of Critical Narrative Analysis (MOTTA, 2013) and the concept of "I-pistemology" (VAN ZONEN, 2012), it is debated the subjectivist turn that puts the behind-the-scenes of journalistic investigation and the personal opinion of hosts in the foreground, generating audience engagement from storytelling tactics, such as the construction of intrigue and the use of hooks, typical of serial fiction. We conclude that the use of the first person frees journalists from the myth of objectivity, but brings with it an enormous ethical responsibility and imposes a re-examination of investigative, checking and transparency practices.

**Keywords:** Radio; Podcasting; Journalism; Sound narrative; I-pistemology.

### **Resumen**

El artículo discute el impacto de las narrativas en primera persona en la reconfiguración del periodismo sonoro, a partir del podcast Praia dos Ossos, lanzado en 2020 por Rádio Novelo. Parte de la perspectiva del Análisis Narrativo Crítico (MOTTA, 2013) y del concepto de "eupistemología" (VAN ZONEN, 2012) para debatir el giro subjetivista que pone en primer plano las bambalinas de la investigación periodística y la opinión personal de los presentadores, generando el involucramiento de la audiencia a partir de tácticas narrativas, como la construcción de la intriga y el uso de ganchos, típicos de la ficción serializada. Se concluye que el uso de la primera persona libera a los periodistas del mito de la objetividad, pero conlleva una enorme responsabilidad ética e impone un replanteamiento de las prácticas de investigación, comprobación y transparencia.

**Palabras clave:** Radio; Podcasting; Periodismo; Narrativa sonora; Eupistemología.

## **Introdução**

Não há, na portaria do edifício em estilo *art déco*, construído em 1943 na

Avenida Nossa Senhora de Copacabana, a mais movimentada do famoso bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro, qualquer indicação de que ali está situada a mais importante produtora independente de podcasts jornalísticos do país, a Rádio Novelo. O prédio, aparentemente um residencial com espaçosos apartamentos, é na verdade um edifício de uso misto, que abriga tanto moradias quanto escritórios de empresas. A única pista sobre seus ocupantes é o capacho com o nome da produtora diante da porta do imóvel, no segundo andar.

O endereço foi escolhido pelo fácil acesso, 24 horas por dia, sete dias por semana, diferentemente da maioria de edifícios comerciais do Rio, o que favorecia as atividades de uma jovem empresa de mídia. Fundada em 2019 por Branca Vianna, Paula Scarpin e Guilherme Alpendre, a produtora lançou em setembro do ano seguinte o Praia dos Ossos, que se tornou uma das principais referências em língua portuguesa dos chamados podcasts narrativos e, em dois anos, superou a marca de 3 milhões de downloads de seus oito episódios – com duração entre 44 e 65 minutos – e mais três bônus<sup>30</sup>.

Este artigo toma o Praia dos Ossos como estudo de caso, propondo um aprofundamento da discussão sobre o uso da primeira pessoa no podcasting jornalístico narrativo, à luz do conceito de “eupistemologia” (VAN ZONEN, 2012) e da perspectiva metodológica da Análise Crítica da Narrativa (MOTTA, 2013). O corpus escolhido para análise, numa abordagem multimétodo (KISCHINHEVSKY et al, 2016), é o primeiro episódio do podcast, que tem como ponto de partida o assassinato da *socialite* Ângela Diniz pelo namorado Doca Street no balneário de Armação dos Búzios, na Região dos Lagos do Rio, nos anos 1970.

Praia dos Ossos foi escolhido de nossas reflexões não apenas pelo reconhecimento do público, mas também da crítica: foi finalista do 43º Prêmio Vladimir Herzog, na categoria Produção Jornalística em Áudio, e do tradicional prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).

Os dados reunidos na análise da transcrição do podcast foram

---

<sup>30</sup> Cf. <https://radionovelo.com.br/sobre-nos/>. Acesso: 6 mar. 2023.

complementados por entrevistas semiestruturadas com executivos e produtores da Rádio Novelo<sup>31</sup>, realizadas no dia 2 de fevereiro de 2023. Vamos falar um pouco mais sobre a trajetória da produtora, mas antes buscaremos delinear algumas considerações sobre as convergências entre o chamado podcasting *true crime* (que gira em torno de investigações criminais) e uma longa tradição de rádio popular, dedicada à cobertura jornalística policial.

### **Ecos do rádio popular no podcasting true crime**

Praia dos Ossos é tributário de uma tradição de contação de histórias em mídia sonora, que transbordou do rádio para o podcasting e se consolidou nos EUA na última década, a partir de experiências nascidas no rádio hertziano, como *This American Life*, e podcasts nativos digitais, como Serial e Radiolab. O formato influenciou diversos outros produtores nacionais, como Ivan Mizanzuk, que lançou a quarta temporada do Projeto Humanos, O Caso Evandro, em outubro de 2018, acumulando em dois anos mais de 9 milhões de downloads<sup>32</sup>; Mabê Bonafé e Carol Moreira, do Modus Operandi, lançado em janeiro de 2020 e que, no ano seguinte, já superava 14 milhões de downloads<sup>33</sup>; e Chico Felitti, do podcast A Mulher da Casa Abandonada, lançado pela *Folha de São Paulo* em junho de 2022 e que, em 40 dias, já caminhava para bater a marca de 7 milhões de downloads<sup>34</sup>.

<sup>31</sup> Os autores agradecem o apoio dos estudantes de Jornalismo da UFRJ Lara Machado e Victor Bastos, bolsistas de Iniciação Científica sob orientação do primeiro autor, na realização e na transcrição das entrevistas utilizadas neste artigo.

<sup>32</sup> Cf. <https://www.projetohumanos.com.br/sobre/>. Acesso: 6 mar. 2023. Mizanzuk fechou parceria com a plataforma Globoplay em 2020, que incluiu a produção de uma série televisiva baseada na apuração do podcast O Caso Evandro. Cf. “Mizanzuk, o gamer paizão que mudou a história das ‘bruxas de Guaratuba””, Vinicius Konchinski, **Tab UOL**, 14 mai. 2021. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/05/14/mizanzuk-o-gamer-paizao-que-mudou-a-historia-das-bruxas-de-guaratuba.htm>. Acesso: 6 mar. 2023.

<sup>33</sup> As criadoras do Modus Operandi também fecharam parceria com a Globoplay e assinaram ainda um acordo com a Netflix para desenvolver o programa Além do Crime, no canal da plataforma no YouTube. Cf. “Podcasts de true crime viram produções audiovisuais e livros”, Amanda Schnaider, **Meio&Mensagem**, 2 ago. 2022. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/midia/podcasts-de-true-crime-viram-producoes-audiovisuais-e-livros>. Acesso: 6 mar. 2023.

<sup>34</sup> Cf. “Podcast A Mulher da Casa Abandonada lidera rankings e acumula milhões de downloads”, **Folha de S.Paulo**, 19 jul. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/07/podcast-a-mulher-da-casa->

*Serial* é a principal referência de jornalismo narrativo em áudio destas iniciativas. Lançado em 2014 nos EUA como um *spin-off* do popular show *This American Life*, criado em 1995 por Ira Glass e sucesso na WBEZ, uma rádio pública de Chicago, é liderado por Julie Snyder, Sarah Koenig e Neil Drumming. *Serial* teve três temporadas e uma série derivada, *S-Town*, totalizando mais de 625 milhões de downloads em cinco anos – maior sucesso de todos os tempos no gênero conhecido nos EUA como *true crime* (crime verdadeiro, em tradução literal). Tornou-se uma produtora de referência em podcasts jornalísticos narrativos e foi adquirida pelo tradicional jornal *The New York Times* por valor não revelado, em 2020. Como parte do acordo, o NYT, que já contava com o podcast *The Daily*, um dos mais importantes jornalísticos dos EUA, selou uma aliança estratégica com a produtora de Glass e seus colegas para desenvolvimento de novos shows com histórias em jornalismo *long-form* (reportagens longas) e colaboração em marketing e vendas<sup>35</sup>.

Glass tornou-se grife de um tipo de jornalismo sonoro sem pudor de usar a primeira pessoa e expressar sua subjetividade. É o *host/âncora/jornalista/apresentador* imerso na história, e, “por imersão, entende-se a inserção do jornalista dentro da realidade a ser relatada” (BARSOTTI; SANTA CRUZ, 2020, p. 140). Não apenas relata acontecimentos, mas também se torna protagonista da história, numa estratégia narrativa para engajar o público. Tomando emprestada expressão usada em estudos de jornalismo online, passa a ser um “mobilizador de audiência” (BARSOTTI, 2014).

Mas, justiça seja feita, *This American Life* e *Serial* representam uma escola norte-americana de jornalismo narrativo em áudio, não sua única matriz. É preciso mergulhar no rádio popular para entendermos que a construção narrativa da realidade ocorre em diversos níveis, não só na cobertura de crimes,

---

[abandonada-lidera-rankings-e-acumula-milhoes-de-downloads.shtml](#). Acesso: 6 mar. 2023.

<sup>35</sup> Cf. “The New York Times Company Acquires Serial Productions and Forms a Strategic Alliance with ‘This American Life’”, **BusinessWire**, 22 jul. 2020. Disponível em: <https://www.businesswire.com/news/home/20200722005975/en/The-New-York-Times-Company-Acquires-Serial-Productions-and-Forms-a-Strategic-Alliance-with-%E2%80%9CThis-American-Life%E2%80%9D>. Acesso: 6 mar. 2023.

mas também no entretenimento, mobilizando arquétipos e tramas simples ou complexas, com as quais a audiência se identifica ou que são motivo de condenação pública, estabelecendo uma alteridade – o ouvinte “trabalhador” *versus* o “mundo do crime”, por exemplo.

Raros esforços de entender essa comunicação radiofônica popular, que sempre envolveu diferentes graus de subjetividade, com âncoras mais ou menos carismáticos, foram registrados no Brasil. Entre eles, destaca-se o pioneiro estudo de Maria Immacolata Vassallo de Lopes sobre programas dos populares radialistas paulistanos Zé Bettio, Gil Gomes e Silvio Santos, que buscavam o “estabelecimento de uma relação intimista e afetiva entre o comunicador e o ouvinte” (LOPES, 1988, p. 120). No caso do programa policial de Gil Gomes, a linguagem referencial do jornalismo já era acompanhada de um discurso moralista dirigido a populações marginalizadas que iria “acabar por produzir um *discurso de poder sobre o desvio*” (idem, p. 157, grifo no original).

Esse movimento de engajar o público em histórias comuns de pessoas comuns se dá por meio do ritual estratégico de emocionalidade (WAHL-JORGENSEN, 2013). Nessa estratégia, o locutor/apresentador geralmente utiliza o formato *storytelling* (em bom português, a velha “contação de histórias”) e as características desse formato para acionar mecanismos de empatia e identificação de sua audiência com os personagens da história.

*This American Life* obteve prestígio e renome, tornando-se um dos expoentes da chamada Objetividade 2.0 (SCHUDSON, 2023), em que um novo estilo de jornalismo traz uma outra roupagem para o que vinha sendo apresentado antes da década de 1960 nos EUA – na verdade, as narrativas *true crime* são uma tradição norte-americana desde os primórdios do rádio hertziano (BATTLES; KEELER, 2022). Marcado por pontos de vista pessoais, o jornalismo apresentado por *Glass* também utiliza artifícios como o metacomentário (DOWLING; MILLER, 2019), ou seja, a inserção de reflexões que ampliam a discussão sobre a notícia e tensionam os limites entre jornalismo e opinião – já historicamente fluidos nas emissoras do segmento do rádio popular. A narrativa

jornalística passa a oferecer interpretações da realidade, abandonando a pretensão de isenção e imparcialidade que permeia idealizações em torno do jornalismo em outros formatos, como o impresso, marcados pelo uso da linguagem referencial (terceira pessoa).

*Serial* segue a cartilha de *This American Life*, operando uma remediação do radiojornalismo narrativo, agora disponível sob demanda, na forma de um podcast. Há, contudo, mudanças significativas na linguagem, que toma emprestados da ficção seriada diversos elementos, como a construção narrativa de intrigas e ganchos. Na ocasião da estreia do podcast campeão de audiência, a apresentadora Sarah Koenig, antiga produtora do programa radiofônico criado por Glass, afirmou que foi influenciada também pela linguagem dos audiolivros, que consumia no trânsito entre sua casa e o trabalho (BERRY, 2015).

A primeira temporada de *Serial* enfocou o assassinato da jovem sul-coreana Hae Min Lee, de 18 anos, em 1999, e a controversa condenação de seu ex-namorado muçulmano, Adnan Syed, discutindo diversas questões envolvendo o crime, a cobertura midiática, justiça, racismo e xenofobia. O sucesso de *Serial* foi tamanho "que fez esta tecnologia de distribuição se tornar *mainstream* e transformou-a num meio de massa", um marco da "segunda era do podcasting" (BONINI, 2020, p. 25), na esteira da emergência de plataformas de financiamento coletivo e novas formas de monetização, do surgimento de plataformas digitais de distribuição de conteúdo em áudio e da multiplicação de produtoras independentes.

Um ponto fundamental para o sucesso de *Serial* foi a conexão do público com a apresentadora. *Serial* tornou Sarah Koenig uma figura de prestígio na mídia norte-americana e ajudou a promover o *true crime*, "criando um gênero perceptível e detectável" (LINDGREN, 2020, p. 131). A maneira subjetiva de contar a história para discutir sua própria cobertura, em um artifício de metajornalismo (OGBEBOR, 2020) – o jornalismo que discute a si mesmo –, criou relações de hiper-intimidade (BERRY, 2016) entre a apresentadora e o

público. Para Mia Lindgren, esse estilo adotado por Sarah auxiliou na fidelização do público.

Permitir que o público ouça “a verdadeira Sarah Koenig” tornou-se um estilo marcante de Serial. Ela conversou diretamente com os ouvintes sobre os desafios de produção do programa, orientando-os ao longo dos doze episódios, convidando-os a compartilhar seus dilemas éticos e desafios jornalísticos. (LINDGREN, 2020, p. 131)

A abordagem trazida pelo jornalismo narrativo pessoal (LINDGREN, 2020) se mostrou popular entre o público por trazer bastidores do jornalismo para a luz dos holofotes. Os jornalistas inserem as próprias reflexões como um elemento-chave da contação de histórias (DOWLING; MILLER, 2019) e transitam pelas profundezas que o podcast narrativo revolve ao abordar os casos investigados.

Os milhões de ouvintes impulsionaram o faturamento de pequenas produtoras independentes, que, cada vez mais, se associam a grandes grupos de mídia para capitalizar a atenção que o podcasting vem ganhando. Mas o podcasting do gênero *true crime* também suscita questões que vão muito além da reconfiguração do mercado de áudio.

### **Praia dos Ossos como paradigma de podcasting jornalístico narrativo**

A Rádio Novelo se organiza como uma produtora norte-americana de podcasting, com uma estrutura flexível, integrada por poucos colaboradores fixos (19, no total) e vários prestadores de serviços (pessoas físicas e jurídicas), incluindo roteiristas, técnicos de áudio, estúdios de gravação, editores e músicos que produzem trilhas sonoras exclusivas. São mais de 20 podcasts lançados, grande parte deles em parceria com plataformas digitais, como Globoplay (A República das Milícias) e Spotify (Retrato Narrado, Vidas Negras e Boletos Pagos com Nath Finanças), empresas de mídia, como as revistas piauí (Foro de Teresina) e Quatro Cinco Um (O Sequestro da Amarelinha), e diferentes organizações, como Repórter Brasil, Centro de Análise da Liberdade e do Autoritarismo e Instituto Igarapé. O jornalístico Foro de Teresina, por sinal, foi seu primeiro podcast, surgindo em 2018, antes mesmo da criação da produtora,



que nasce tendo a Piauí como sua primeira cliente fixa.

Para esta pesquisa, foram ouvidos a diretora de Criação, Paula Scarpin, a diretora de Pesquisa, Flora Thomson-DeVeaux, o diretor-executivo, Guilherme Alpendre, o gerente de Criação, Tiago Rogero, a analista de Produto e Audiência, Bia Ribeiro, e o analista de Conteúdo e Engajamento, Eduardo Wolff.

Paula Scarpin conta que Praia dos Ossos foi feito em condições ideais, ao longo de meses, e incluiu investimentos inusuais no rádio e mesmo em outras produtoras de podcasting, como a contratação de técnicos de som e o aluguel de estúdios e equipamentos profissionais para captação de áudio em gravações externas, seguindo a lógica de produtoras de audiovisual. A diretora conta que o podcast acabou sendo feito “como se fosse uma produção de cinema”: “Não conseguimos mais fazer assim porque tem um custo gigantesco. Viajar para Búzios, com técnico de som...”, lembra Paula, que destaca a mudança de foco da produtora nos últimos anos, do investimento na captação de som direto para o desenvolvimento narrativo.

O apuro técnico e o cuidado com a linguagem sonora, no entanto, persistem nas produções da Rádio Novelo, que contrata músicos para elaborar trilhas sonoras de seus principais podcasts. Em Praia dos Ossos, além do marcante uso de som ambiente, a trilha musical pontua a narrativa, dando o tom dos diferentes momentos da narrativa e demarcando transições temporais ou temáticas – em alguns casos, com mini-vinhetas, que Paula Scarpin chama de “vírgulas sonoras”.

Lançado em setembro de 2020, o episódio piloto do podcast Praia dos Ossos conta a história e os desdobramentos do assassinato de Ângela Diniz, em dezembro de 1976. O crime aconteceu na bucólica Praia dos Ossos, em Búzios, então um distrito do município de Cabo Frio. O empresário e então namorado de Ângela, Doca Street, confessou o crime à polícia. Entretanto, todo o processo que envolveu o julgamento e a construção midiática do caso envolveram a perpetuação de valores machistas, com a tentativa da defesa do réu confesso de responsabilizar a vítima perante o tribunal do júri.

No primeiro episódio, a apresentadora, Branca Vianna, constrói uma narrativa complexa, sobrepondo som ambiente da visita da equipe do podcast ao local do assassinato, em 2019, e narração contextual em *voice-over* gravada em estúdio, manipulando a temporalidade, estimulando a imaginação dos ouvintes e buscando oferecer uma experiência imersiva. O tom de sua fala é intimista, como se estivesse contando uma história a uma pessoa amiga, algo característico da tradição norte-americana de podcasting narrativo e que no formato *true crime* fica ainda mais evidente.

A apuração em profundidade é outro aspecto comum aos podcasts de investigação criminal, e Praia dos Ossos seguiu essa trilha, com o desafio adicional de garimpar acervo audiovisual, historicamente negligenciado no Brasil. “O Praia foi meu segundo doutorado”, brinca a diretora Flora DeVeaux, que tem doutorado em estudos portugueses e brasileiros pela Brown University, nos EUA, e foi responsável pela pesquisa, ao lado de Antônio Venâncio, que liderou a busca por acervos sonoros sobre o caso: “Eu fiz toda a parte textual, de personagens, e o Venâncio ajudou a achar os poucos tesouros que conseguimos encontrar. [...] O Venâncio sabe em que porta bater, a qual pessoa perguntar, em que gaveteiros procurar. No Praia, era desesperador, porque ele ia aos lugares e dizia: ‘tal acervo pegou fogo’, ‘tal acervo não existe mais’, ‘tal acervo tá trancado.’”

Apesar das dificuldades, Praia dos Ossos chama a atenção pelo uso inteligente de acervo sonoro, incluindo trechos de reportagens radiofônicas da época e do áudio do primeiro julgamento do assassino confesso de Ângela Diniz. Um locutor é acionado para narrar trechos de reportagens publicadas pela imprensa da época, ajudando de certa forma a reconstituir o “espírito do tempo”, para usar a feliz expressão de Edgar Morin.

Logo na abertura, somos envolvidos por uma narrativa acústica (BRÜCK, 2011) que nos leva a uma caminhada na praia, onde podemos ouvir o som das ondas quebrando, gaivotas grasnando e os passos das produtoras na areia. O farto uso de detalhes na construção narrativa e a dinâmica de contação da

história assumem um caráter intimista, “uma vez que o rádio tem a sensorialidade como característica” (VIANA, 2020, p. 7).

Podcasts narrativos também evocam a estrutura de livros, lançando mão de recursos como a temporalidade fragmentária e a abertura descritiva enfocando um ponto da história ao qual se retornará posteriormente, após uma contextualização inicial da trama e a construção da intriga.

“Essa gravação foi feita em junho de 2019. Naquele mês, eu fui para Búzios com a Flora Thomson-DeVeaux, pesquisadora desse podcast” (PRAIA..., 2020). A gravação continua e então podemos ouvir trechos da conversa entre Branca e Flora sobre a casa da vítima na praia. Elas conversam sobre fotos arquivadas nos documentos e as mudanças que o tempo trouxe ao local.

- Não tinha dois andares.
- Não. Mas isso dá para construir.
- Mas dá para fazer, não é?
- É!” (PRAIA..., 2020).

Novamente Branca entra com o *voice-over* no estúdio para trazer mais detalhes. “Era a primeira vez da Flora lá e a minha primeira vez depois de muitos anos. Mas a Praia dos Ossos continuava do jeito que eu me lembrava, com aquela cara de vila de pescador cenográfica” (PRAIA..., 2020). Essa riqueza de detalhes e o caráter intimista apresentado por Branca auxiliam na fidelização da audiência, criando expectativa em relação aos fios condutores da narrativa que vão sendo puxados pela apresentadora, sem pressa.

Durante todo o episódio, Branca Vianna vai situando o ouvinte sobre os acontecimentos, o momento do crime, a relação dela com a história e o porquê de querer abordar esse tópico depois de tanto tempo. O *true crime* tem essa característica de revisitar crimes do passado para lançar luz sobre questões que, em outros momentos, passaram despercebidas. Nesse caso específico, Branca conta que o caso a marcou no passado e foi o primeiro grande contato dela com o feminismo. Ela cria uma relação com o ouvinte logo no começo de sua jornada e o guia durante a temporada.

Segundo Gabriela Perdomo e Phillipe Rodrigues-Rouleau (2021), jornalistas utilizam uma transparência performativa para trazer autoridade no assunto que abordam. Fazem um uso estratégico de transparência como uma performance metajornalística (PERDOMO; RODRIGUES-ROULEAU, 2021) com o objetivo de influenciar a percepção de sua audiência.

Os autores listam três pontos de performance metajornalística de transparência em que podemos analisar podcasts narrativos para melhor compreender a estrutura desses produtos. O primeiro passo seria revelar os bastidores da produção. "Revelar o processo jornalístico também inclui 'momentos de transparência', momentos curtos em que a mecânica da produção parece ser intencionalmente deixada para o público ouvir" (PERDOMO; RODRIGUES-ROULEAU, 2021, p. 8, tradução nossa).

Ainda de acordo com os autores, o segundo passo consiste em construir a persona do jornalista. Branca Vianna não é formada em Jornalismo, mas atua como apresentadora em produções da Rádio Novelo, como Maria Vai com as Outras e Praia dos Ossos. A construção de um perfil conectando Branca e a história é fundamental para que o público tenha confiança no processo dela. Isso pode se dar por meio de "uma combinação de diferenciação e humanização que consolida a autoridade do repórter dentro do campo jornalístico" (PERDOMO; RODRIGUES-ROULEAU, 2021, p. 9, tradução nossa), e Branca faz isso diante dos relatos de seu passado e as discussões sobre o feminismo presentes em sua vida desde a juventude.

A última etapa desse processo se dá mediante a discussão sobre os dilemas éticos e os valores da profissão. Essa prática também é comum no podcasting narrativo e esteve presente em *Serial*, que inspirou O Caso Evandro e Praia dos Ossos. Essa terceira parte "inclui reflexões em voz alta sobre o propósito da reportagem, justificativas de suas ações, reconhecimento de dilemas éticos ou reafirmações do valor de seu julgamento e imperativos normativos" (PERDOMO; RODRIGUES-ROULEAU, 2021, p. 10, tradução nossa). Branca em alguns momentos acrescenta comentários que permeiam a

cobertura midiática do assassinato no fim do episódio, antes de convidar o público a ouvir o próximo. “Como é que um homem mata uma mulher com quatro tiros na cara e vira herói? Ou então dá para dizer assim: Como uma mulher desarmada é morta com quatro tiros e vira a vilã da história? É isso que a gente vai tentar responder no próximo episódio de Praia dos Ossos, acompanhando o julgamento do Doca Street pelo assassinato da Ângela Diniz” (PRAIA..., 2020).

Esses artifícios são fundamentais para que a relação entre audiência e jornalista sejam consolidadas. Segundo Rachel Moran, “não confiamos necessariamente nas notícias porque são produzidas por jornalistas profissionais que realizam práticas metodológicas e institucionalizadas. Em vez disso, a confiança é relacional” (MORAN, 2023, p. 61).

Diversos autores relacionam a emergência do podcasting narrativo ao legado do chamado Novo Jornalismo, que enfatizava a dimensão interpretativa (NEE; SANTANA, 2021), abrindo mão das ambições de objetividade que caracterizavam o *ethos* jornalístico. Esse novo estilo de abordar os fatos por meio de uma literatura de não-ficção dá origem ao jornalismo narrativo (JOHNSTON, GRAHAM, 2021; SHUDSON, 2023; LINDGREN, 2020; KRIEKEN, SANDERS, 2019; TULLOCH, 2014), que introduziu uma gama de novos artifícios de *storytelling* ao texto jornalístico, como voz, ponto de vista, personagens, cenários, enredo e/ou cronologia (KRIEKEN; SANDERS, 2019). Segundo Krieken e Sanders (2019), todos esses artifícios são inseridos sob um prisma de subjetividade.

Apesar de o jornalismo narrativo construir uma rede de fiéis seguidores, a prática acabou não se popularizando, e o jornalismo literário foi ficando relegado ao nicho dos entusiastas de histórias de não-ficção aprofundadas, distante do jornalismo convencional voltado para o chamado *hard news*. Parte dessa desconexão se deu pelo pouco interesse do mercado em desenvolver conteúdos desse tipo com tanta frequência sobre histórias corriqueiras. Dentre os motivos, estavam o seu alto custo e a demanda extraordinária de tempo, algo complicador sob o viés mercadológico das empresas de notícias.

No rádio ou no podcasting, o *host*/âncora/apresentador de conteúdos jornalísticos narrativos desempenha papel central, atuando como fio condutor, posicionando-se como o narrador que paira sobre a trama, manipulando a temporalidade e o desenvolvimento da intriga. Fontes se tornam personagens de si mesmos, enquanto jornalistas capitalizam o próprio processo de apuração, partilhando, de forma espetacularizada, seu percurso em busca de informações que ajudem a elucidar os casos enfocados.

Reconhecemos que há controvérsia no entendimento de que o jornalismo, em essência, diz respeito a contar histórias (no inglês, *stories*, e não *histories*, estabelecendo conexões com outros gêneros literários, como o romance de não-ficção). Aqui, entendemos “o fluxo de programação radiofônica como uma tentativa de estabelecer uma grande narrativa” (KISCHINHEVSKY, 2018, p. 76), ou “megaestrutura de discurso” ou “macrotexto” (MEDITSCH, 2001, p. 195-199). Essa grande narrativa busca dar coerência ao mundo partilhado pelos ouvintes, não apenas relatando os acontecimentos do dia a dia, mas relacionando-os e contextualizando-os.

O podcasting narrativo, contudo, tensiona em última instância o próprio papel de mediador social exercido pelo jornalista, em meio a um processo cultural contemporâneo de crescente suspeição do conhecimento avalizado por instituições e especialistas. Liesbet van Zoonen destaca que o conhecimento científico e outros saberes peritos – entre os quais incluímos o jornalismo – são cada vez mais substituídos por experiências individuais e opiniões, num movimento que tem sido agenciado por grupos de extrema-direita em nível internacional e que a autora chama de “*I-pistemology*” (“eupistemologia”, ou uma “epistemologia do eu”, entendendo-se epistemologia tanto como uma reflexão sobre as relações entre sujeitos e o mundo, na construção do processo cognitivo, quanto – em sentido mais estrito – como teoria do conhecimento científico).

Essa suspeição sobre os saberes institucionalizados, advoga a autora, cresce na mesma proporção da “emergência do *self* como fonte e árbitro de toda

verdade" (VAN ZONEN, 2012, p. 56-57, tradução nossa). Ela cita diversos exemplos do processo de crescente suspeição, que impulsionam desde movimentos antivacinas e negacionistas climáticos até revisionismos históricos enviesados para tentar atenuar atrocidades do nazismo e ou promover o criacionismo (visão que refuta a teoria da evolução e atribui a criação do mundo à força divina). Em todos estes exemplos, o "eu", a experiência pessoal, a (des)informação passada pelo círculo de relações próximas e toda percepção subjetiva ganham status de verdade, cada vez mais individualizada. Van Zonen destaca que este processo vem de longe, remetendo ao jornalismo popular, especificamente aos *talk shows*, mas se acirra com a ascensão das mídias digitais, que possibilitam a circulação de narrativas em primeira pessoa em larga escala.

Essa preocupação epistêmica aparece também na pesquisa de Neil Verma sobre podcasting *true crime*, que busca entender como "a narrativa radiofônica digital leva conhecimento para os ouvintes" (VERMA, 2022, p. 179, tradução nossa). O pesquisador desenvolve o conceito de "epistemologia recessiva" para pôr em questão não só a ideia de "conhecimento" como também a habilidade de podcasters e ouvintes para processar e avaliar informações num cenário de sobrecarga sonora.

Verma destaca que as críticas ao *true crime* frequentemente são direcionadas às dúvidas narrativas, frisando dilemas éticos, em que o desejo de oferecer personagens convincentes e cenários suntuosos é contraposto a um dever de refletir a dura realidade da sociedade. "Se uma repórter não está tão certa sobre suas fontes, deve noticiar afinal? Os produtores podem ficar tão hipnotizados por assuntos que enfatizam mais ambiguidade do que realmente existe?", questiona-se o autor, que cita ainda a hipótese de Ellen McCracken (2017) de que as incertezas colocadas nas narrativas seriam apenas iscas para encorajar ouvintes a recombinar evidências em fóruns on-line.

As pesquisadoras Fabiana Moraes e Márcia Veiga da Silva atentam para a inserção da subjetividade no jornalismo como um instrumento de subversão

dos modos de reportar os fatos com base na objetividade jornalística (MORAES; SILVA, 2019). As autoras entendem que o jornalismo pautado pela objetividade contribui “para a manutenção e opacificação de ideologias como o machismo e o racismo” (MORAES; SILVA, 2019, p. 2). Nesse sentido, a fala de Branca ao fim do primeiro episódio tem um caráter de subversão da pretensão de objetividade jornalística para compreensão aprofundada de um acontecimento que envolve o machismo em sua forma mais cruel: o feminicídio.

As autoras entendem que o jornalismo de subjetividade (MORAES; SILVA, 2019) não necessariamente é contrário à objetividade jornalística; pelo contrário, podem se complementar. Entretanto, cabe destacar que as pesquisadoras indicam que a objetividade carrega traços de perpetuação de ideologias de repressão contra as minorias e para isso é fundamental que ela não seja algo tido como natural ou que deva ser buscado incessantemente pelo jornalismo. Elas entendem que este processo pode auxiliar na discussão envolvendo o papel do jornalismo nessa luta.

Ao propor um jornalismo de subjetividade, sugere-se uma subversão dos modos de objetivação jornalística; uma ruptura epistemológica com as redes de poder e de saber que norteiam as condições sociais de pensamento e as práticas jornalísticas que historicamente retiram a condição de humanidade dos sujeitos construídos como Outros do sujeito universal. (MORAES; SILVA, 2019, p. 19)

Segundo a filósofa Djamila Ribeiro, nós temos que pensar o discurso como uma forma de poder e controle. “Não pensar discurso como amontoado de palavras ou concatenação de frases que pretendem um significado em si, mas como um sistema que estrutura determinado imaginário social, pois estaremos falando de poder e controle” (RIBEIRO, 2017, p. 56). A posição de Branca como apresentadora e interlocutora em Praia dos Ossos assume posições necessárias tendo em vista o tema e importância do assassinato de Ângela Diniz na historiografia da machista imprensa brasileira da década de 1970.

Os dirigentes da Rádio Novelo parecem ter perfeita noção da importância e do peso das palavras, reproduzindo dinâmicas de checagem e apuração



consolidadas na imprensa brasileira de referência. Mais que isso, seus podcasts muitas vezes tensionam os limites de gêneros e formatos estabelecidos. O diretor-executivo, Guilherme Alpendre, brinca que Praia dos Ossos é uma espécie de cavalo de Tróia no podcasting *true crime*: ouvintes podem buscá-lo a partir do interesse em investigações criminais, mas, na prática, o que encontram no podcast é uma revisão histórica do machismo naturalizado na sociedade e na imprensa daquela época e uma crônica da ascensão de valores feministas, sintetizada na campanha “Quem ama não mata”, criada após o crime.

### **O “eu” jornalista na narrativa de Praia dos Ossos**

Para melhor compreendermos a estrutura do primeiro episódio do podcast Praia dos Ossos, recorreremos à Análise Crítica da Narrativa, de Luiz Gonzaga Motta (2013). O autor explica que essa metodologia tem como um de seus objetivos estudar “as narrativas enquanto atos de fala” (MOTTA, 2013, p. 27). Para tal, lançaremos mão da proposta do autor de análise pragmática da narrativa, utilizando a instância de análise do plano da expressão, uma vez que esse modelo é o mais indicado para estudar a narrativa quando ela tem por objetivo imprimir efeitos dramáticos de sentido (MOTTA, 2013).

O autor explica que esse modelo de análise auxilia no processo do estudo da comunicação narrativa jornalística e esse plano pode identificar os seus usos estratégicos. “É neste plano de análise, portanto, que a intencionalidade do narrador e suas estratégias discursivas podem ser mais bem desveladas” (MOTTA, 2013, p. 137). Nesse sentido, utilizando este método poderemos compreender os usos e intencionalidades da primeira pessoa por parte de Branca e da produção do Praia dos Ossos. Para o autor, um bom recurso quantitativo no plano expressivo para a pesquisa é “contar a frequência de palavras-chave” (MOTTA, 2013, p. 143).

Motta utiliza a fenomenologia desenvolvida por Edmund Husserl como um dos pontos de partida para a sua análise da narrativa. Esse método de

investigação tem por objetivo estudar os fenômenos a partir de um fluxo de consciência, em que o analista se aprofunda em seu objeto para extrair informações que o façam avançar em sua pesquisa. Na questão da análise pragmática, Motta explica que o uso da observação das personagens é fundamental para compreender a vontade do narrador em função da sua estratégia da narrativa.

Para o autor, a metodologia nos permite interpretar criticamente, dentre vários caminhos, conteúdos de fundo ético, configuração dos enredos, estratégias de uso da linguagem e efeitos de sentidos dos produtos da indústria cultural.

A partir de uma análise do uso de pronomes pessoais em primeira pessoa, nós poderemos entender o projeto dramático do narrador e compreender parte da estratégia empregada no primeiro episódio de Praia dos Ossos. Nessa linha, podemos investigar também o porquê da escolha das personagens e da história por parte de Branca Vianna, incluindo o motivo pelo qual ela se insere na história, afastando-se das práticas do jornalismo de referência, em que o repórter busca se invisibilizar.

Branca Vianna especifica que o interesse é principalmente responder algumas dúvidas que a deixaram intrigadas com o caso. No momento do crime, Branca tinha apenas 14 anos. Ela recorda que o assassinato de Ângela Diniz foi uma notícia relevante para a vida de muitas mulheres, tanto em aspectos positivos quanto em aspectos negativos: foi um ponto de inflexão para o crescimento de movimentos feministas mais estruturados e potentes, mas, por outro lado, todo o processo no sistema judiciário explicitou as falhas de uma estrutura machista.

Um outro ponto de virada para ela foi a descoberta do manifesto “Contra o machismo na sociedade brasileira”, assinado por ela mesmo, sua mãe, irmã e outras mulheres – o documento foi descoberto em uma investigação da produtora Flora Thomson-DeVeaux –, posteriormente ao caso. Ela não lembrava de ter assinado, mas se surpreendeu ao saber que a história de Ângela estava

também ligada à sua história e principalmente às lutas da própria mãe. A subjetividade empregada por Branca no episódio tem por finalidade dar uma carga emocional e conectar-se temporalmente aos movimentos feministas das décadas de 1970 e 1980.

Para avançar na pesquisa, nos concentraremos em estudar as percepções de Branca enquanto interlocutora e personagem na narrativa, uma vez que ela assume um papel central na história. Segundo Motta (2013, p. 190), "um analista da narrativa jornalística precisa manter em mente que as personagens que as notícias relatam habitam a realidade da própria narrativa". Sendo assim, o recorte da pesquisa se concentra na personagem que Branca constrói de si mesma enquanto parte da narrativa do Praia dos Ossos.

### TABELA 1

#### Uso da 1ª pessoa no episódio piloto de Praia dos Ossos

Construções em 1ª pessoa	Frequência
Eu (Branca)	12
Eu (Flora)	3
Minha	5
Me	3
A gente	24
Nós	1

Fonte: elaboração própria

Como sistematizado na Tabela 1, a apresentadora Branca Vianna utiliza 45 vezes a primeira pessoa, no singular ou no plural, de um total de 48 ocorrências, para destacar opiniões e conversar com o público sobre o processo de produção do episódio e da série como um todo. O primeiro episódio, intitulado "O Crime da Praia dos Ossos", tem 52 minutos e 8 segundos de duração. Na maioria das vezes (25), Branca usa a primeira pessoa do plural (em geral, na forma coloquial "a gente") para destacar as ações dela e de sua equipe durante as entrevistas e os dilemas pelos quais passaram durante todo o processo. A primeira pessoa do plural, no entanto, também tem o poder implícito de inserir a audiência na trama, constituindo um recurso narrativo poderoso no podcasting.

Durante a análise, utilizamos a contagem também das sonoras inseridas durante o episódio porque acreditamos que não somente a narração *voice-over* tem papel importante para o enredo, mas o discurso empregado durante as sonoras gravadas em entrevistas e na região do crime ocupa um papel de destaque na narrativa. Nesses trechos, Branca e Flora inserem-se como personagens no enredo e desempenham ações no emaranhado narrativo proposto pela produção. Sendo assim, pudemos chegar ao número de 12 usos do pronome pessoal do caso reto “eu” por parte de Branca, enquanto Flora faz o uso do mesmo pronome em três momentos, todos inseridos nas gravações externas.

John Tulloch foi um pesquisador que contribuiu com muitos estudos no jornalismo, inclusive questões envolvendo o uso do jornalismo em primeira pessoa. Em artigo póstumo, publicado em 2014, o autor abordou os perigos e os desafios da participação dos jornalistas em suas histórias. O uso deste artifício prescinde da “construção de uma voz narrativa autêntica, uma voz em que estamos dispostos a confiar” (TULLOCH, 2014, p. 630).

Por outro lado, ele aponta que “o principal risco ético está em enganar o leitor sobre o status dessa primeira pessoa” (TULLOCH, 2014, p. 636). Ele entende que, quando construída de maneira errônea, a linha entre o narrador e o envolvimento dele com a história pode ficar tênue, dificultando a percepção de separação por parte da audiência e suscitando dilemas éticos.

Além dos termos previamente citados, podemos perceber na Tabela 1 que Branca Vianna utiliza ainda o pronome possessivo “minha” cinco vezes, o pronome pessoal do caso oblíquo “me” três vezes e o pronome pessoal “nós” uma única vez. Apesar dos desafios, podemos ver que Branca não desempenha uma função egóica de traçar paralelos de seu passado que não sejam interligados ao tema abordado. Ela se insere como personagem, mas o seu personagem tem função no enredo de conectar o passado e a relação feminista que o caso passou a ter com as jovens durante todo o processo de julgamento de Doca Street.

Para Lisboa e Benetti, parte de uma aceitação da audiência do jornalismo como crença verdadeira justificada passa pela autenticidade conferida à narração, na qual, como vimos, a primeira pessoa desempenha um papel-chave na presunção do que é verdade ou não. "Um relato jornalístico se constrói a partir de estratégias discursivas que ajudam o leitor a atestar sua autenticidade ou verossimilhança com os fatos e o valor das explicações" (LISBOA; BENETTI, 2015, p. 13). Ao trazer relatos que dialogam com o julgamento e que apresentam similaridade com os fatos, Branca constrói uma relação que a permite usar a credibilidade constituída e a credibilidade percebida (LISBOA, 2012), ou seja, a credibilidade dada à enunciativa por parte de seu público e a maneira como a audiência a percebe enquanto jornalista.

O podcast narrativo, ao mesclar características provenientes do rádio, do jornalismo e da literatura, permite, portanto, discutir falhas em coberturas midiáticas e valores e costumes anacrônicos, como o machismo estrutural e a misoginia, com o objetivo de avançar na busca pela justiça social.

### **Concluindo e abrindo para novas questões**

Neste artigo, investigamos como o podcasting jornalístico narrativo opera num entre-lugar, proporcionando ao host/apresentador um novo status e uma nova liberdade de opinião, antes circunscrita a um jornalismo popular que carecia de prestígio entre seus pares – pelo menos, na mídia de referência. O jornalista se emancipa do mito da objetividade e dá vazão à sua subjetividade, suas dúvidas, suas percepções pessoais. A inserção como personagem das próprias histórias, no entanto, traz desafios éticos e de rotinas produtivas, demandando o fortalecimento de sistemas de checagem e dinâmicas de apuração. O poder de persuasão e convencimento que o jornalista pode construir com o seu público não pode ser minimizado. A relação de credibilidade estabelecida com a audiência pode influenciar a percepção da realidade por parte do seu público e induzir a erro.

A responsabilidade e a transparência devem ser objeto de preocupação

permanente de produtores de conteúdo. Retoma-se aqui a discussão sobre a ética profissional, tão esvaziada nas últimas décadas por uma postura cínica de muitos jornalistas, que se escondiam atrás da linguagem referencial e de uma apuração superficial para construir um efeito de realidade sem pôr em questão práticas anacrônicas, reproduzidas por inércia, como a qualificação desigual de personagens ricos e pobres, brancos e negros, masculinos e femininos.

Cabe sim questionar premissas ideológicas opressoras que regem o processo comunicativo no Brasil e o no mundo e os erros da Justiça, mas, no atual contexto, a todo momento o jornalista tem que deixar esse debate aberto com o seu público e explicitar as motivações implícitas no enredo.

Praia dos Ossos teve grande repercussão nacional e pode ter influenciado positivamente um avanço na luta contra a violência doméstica. A senadora Zenaide Maia (PROS/RN) propôs o Projeto de Lei nº 2325/2021, no dia 25 de junho de 2021, que alterava o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), e o Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal)<sup>36</sup>. Esses decretos serviam de base para a tese da legítima defesa da honra, acionada nas últimas décadas como argumento para absolvição, por tribunais do júri, de acusados de feminicídio. A atenuação com base na defesa da honra ganhou notoriedade no caso do assassinato de Ângela Diniz e ajudou Doca Street a ter uma pena branda em seu primeiro julgamento. O Projeto de Lei foi enviado oito meses após o lançamento de Praia dos Ossos e em 2022 foi aprovado no Senado Federal.

Entusiastas do true crime podem elencar diversos exemplos de podcasts que tiveram impacto real em investigações criminais e em pôr em discussão, junto à sociedade, questões estruturais, como a inépcia policial, a violência de gênero e raça, os erros da Justiça (em geral, em prejuízo dos mais pobres) ou a corrupção. Nos EUA, a repercussão de Serial, que abordou o controverso processo de condenação de Adnan Syed, levou, em setembro de 2022, a promotoria a desistir do caso. Após 23 anos, Syed teve sua condenação

---

<sup>36</sup> Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/148901> Acesso em: 28 fev. 2023.

anulada<sup>37</sup>. No Brasil, a investigação de Ivan Mizanzuk em O Caso Evandro, sobre a morte de Evandro Ramos Caetano, em Guaratuba, Paraná, em abril de 1992, levou à descoberta de fitas que comprovavam que as sete pessoas acusadas de matarem o menino foram torturadas pela Polícia Militar do Paraná para confessar o crime<sup>38</sup>. As fitas permitiram que o caso fosse revisitado, levando à absolvição (ainda que não definitiva) dos acusados.

Neil Verma, contudo, lembra que a maioria dos podcasts fracassa em elucidar crimes do passado, mobilizando ouvintes em torno da exumação de detalhes mórbidos de investigações que, em geral, levam a becos sem saída (VERMA, 2022, p. 183).

Narrativas que acionam a primeira pessoa em podcasts jornalísticos trazem consigo uma enorme carga de responsabilidade. Histórias pessoais, opiniões, sentimentos, percepções individuais – tudo precisa ser matizado e posto em questão, o tempo todo, sob pena de se incorrer em erros graves, como pré-julgamentos e falsas acusações. Esse risco é ainda maior no podcasting true crime, que tem audiência crescente e pode agenciar a indignação popular, levando a excessos, como ocorreu com a repercussão de A Mulher da Casa Abandonada<sup>39</sup>.

O podcasting, assim como o rádio, constrói uma relação íntima com a audiência, principalmente pelo fato de que, diferente da visão, o som ressoa dentro de nós (MEDITSCH; GOBBI, 2019) e essa experiência cria uma mediação

<sup>37</sup> Cf. “Adnan Syed teve sua condenação anulada após 23 anos”, **Nexo Jornal**, 22/2/2020. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/extra/2022/09/20/Adnan-Syed-tema-do-podcast-Serial-tem-condena%C3%A7%C3%A3o-anulada> Acesso em: 28/02/2023.

<sup>38</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2021/12/07/caso-evandro-falas-e-sons-em-depoimentos-apontam-agressao-a-condenados-diz-parecer-usado-em-pedido-de-revisao-criminal.ghtml> Acesso em: 28 fev. 2023.

<sup>39</sup> O podcast gira em torno de Margarida Bonetti, que foi processada nos EUA por manter uma empregada doméstica em situação análoga à escravidão durante quase três décadas e fugiu para o Brasil para não ser presa, como o marido. Reclusa numa mansão num bairro nobre de São Paulo, deteriorada pela falta de manutenção e sem água e esgoto, ela se tornou alvo da ira popular após a veiculação do podcast. Sua casa foi invadida pela Polícia após denúncias de maus-tratos a animais e houve diversas tentativas de agressão. Cf. “‘Mulher da casa abandonada’ deixou imóvel após tiro em janela, diz irmã”, Herculano Barreto Filho, UOL, 13/7/2022. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2022/07/13/mulher-da-casa-abandonada-depoimento-irma-tiro-janela-imovel-sp.htm>. Acesso: 8 mar. 2023.

singular. No podcasting narrativo, o uso de fones de ouvido e a atenção concentrada na contação de histórias amplificam o impacto dessa característica. Isso aumenta tremendamente a responsabilidade de hosts/apresentadores, que podem, se não houver rigor na apuração jornalística e mecanismos de dupla checagem, contribuir para a disseminação de desinformação ou de informação de má qualidade.

Tendo em vista o poder que o podcasting narrativo tem demonstrado para mobilizar a audiência e levantar discussões importantes para a opinião pública, o aprofundamento de pesquisas sobre o tema se torna cada vez mais relevante para o campo da comunicação. O crescente uso da primeira pessoa traz diversas questões éticas para o jornalismo sonoro e para o papel de mediação social que podcasters reivindicam para si. Os desafios crescem no contexto da "eupistemologia", que aprofunda o descrédito nos saberes estabelecidos, inclusive aqueles trazidos pela mídia de referência, e põe em primeiro plano, no processo comunicacional, tópicos como credibilidade, construção narrativa da realidade, transparência e responsabilidade.

Os riscos de uma apuração negligente e da lógica do espetáculo no podcasting true crime, com a construção narrativa de personagens a partir de arquétipos (o vilão rico e poderoso, a autoridade corrupta, o herói injustiçado) sem a devida profundidade, complexificam os dilemas éticos na produção do jornalismo sonoro, exigindo novas reflexões – as quais esperamos ter oportunidade de explorar mais minuciosamente em trabalhos futuros.

## **Bibliografia**

BARSOTTI, Adriana. Transformações contemporâneas nas práticas jornalísticas: o jornalista on-line como mobilizador de audiência. **E-Compós**, Brasília, v.17, n.1, jan./abr. 2014.

BARSOTTI, Adriana; SANTA CRUZ, Lucia. Jornalismo literário em podcasts: Uma análise dos roteiros do Vozes, da CBN. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 137-159, jan./abr. 2020.

BATTLES, Kathleen; KEELER, Amanda. True crime and audio media. In: LINDGREN, Mia; LOVIGLIO, Jason (ed.). **The Routledge companion to radio and podcast studies**.



Abingdon/Nova York: Routledge, 2022.

BERRY, Richard. Part of the Establishment: Reflecting on 10 Years of Podcasting as an Audio Medium. **Convergence: The International Journal of Research Into New Media Technologies**, v. 22, n. 6, 2016.

BERRY, Richard. A Golden Age of Podcasting? Evaluating Serial in the Context of Podcast Histories, **Journal of Radio & Audio Media**, v. 22, n. 2, p. 170-178, 2015.

BONINI, Tiziano. A "segunda era" do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Tradução: Marcelo Kischinhevsky. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020.

BRÜCK, Mozahir Salomão. Um novo estatuto para a escuta radiofônica. **Logos**, v. 18, 2012.

DOWLING, David; MILLER, Kyle. Immersive Audio Storytelling: Podcasting and Serial Documentary in the Digital Publishing Industry. **Journal of Radio and Audio Media**, v. 26, n. 1, 2019.

JOHNSTON, Jane; GRAHAM, Caroline. The New, Old Journalism. **Journalism Studies**, v. 13 n. 4, 2012.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; FERNÁNDEZ, Jose Luis; BENZECRY, Lena; MUSTAFÁ, Izani; CAMPOS, Luiza; RIBEIRO, Cintia; VICTOR, Renata. Estudos radiofônicos no século XXI – Perspectivas metodológicas dos trabalhos apresentados no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom entre 2001 e 2015. In: ZUCULOTO, Valci; LOPEZ, Debora Cristina; KISCHINHEVSKY, Marcelo (org.). **Estudos radiofônicos no Brasil: 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom**. Coleção GPs, v. 22, p. 142-155. São Paulo: Intercom, 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, v. 5, n. 10, p. 74-81, out. 2018.

KRIEKEN, Kobie van; SANDERS, José. What is Narrative Journalism? A Systematic Review and an Empirical Agenda. **Journalism**, v. 22, n. 6, 2019.

LINDGREN, Mia. Jornalismo narrativo pessoal e podcasting. Tradução: Gustavo Ferreira. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 1, p. 112- 136, jan./abr. 2020.

LINDGREN, Mia. Podcast Journalism and performative transparency. In: ALLAN, Stuart (org.). **The Routledge companion to news and journalism**. Nova York: Routledge, 2023.

LISBOA, Sílvia. Jornalismo e a credibilidade percebida pelo leitor: independência, imparcialidade, objetividade, honestidade e coerência. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

LISBOA, Sílvia; BENETTI, Marcia. O jornalismo como crença verdadeira justificada. **Brazilian Journalism Research**, v. 11, n. 2, 2015.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **O rádio dos pobres** – Comunicação de massa, ideologia e marginalidade social. Coleção Educação Popular, n. 9. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

McCRACKEN, Ellen. The Serial Commodity: Rhetoric, Recombination, and Indeterminacy in the Digital Age. In: **The serial podcast and storytelling in the digital age**, p. 54-71. Nova York: Routledge, 2017.

MEDITSCH, Eduardo; BETTI, Juliana Gobbi. Os elementos sonoros na análise da informação radiofônica: em busca de métodos. **Anais do 16º Encontro Anual da SBPJor**. Goiânia: UFG, 2019.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação** – Teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Insular/Ed. da UFSC, 2001.

MORAN, Rachel. The so-called “crisis” of trust in journalism. In: ALLAN, Stuart (org.). **The Routledge companion to news and journalism**. Nova York: Routledge, 2023.

MORAES, Fabiana; SILVA, Marcia Veiga da. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: **Anais do 28º Encontro Anual da Compós**. Rio Grande do Sul: Compós, 2019.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2013.

NEE, Rebecca; SANTANA, Arthur. Podcasting the Pandemic: Exploring Storytelling Formats and Shifting Journalistic Norms in News Podcasts Related to the Coronavirus. **Journalism Practice**, v. 16, n. 8, 2022.

OGBEBOR, Binakuromo. **British media coverage of the press reform debate**: Journalists reporting journalism. London: Palgrave Macmillan, 2020.

PERDOMO, Gabriela; RODRIGUES-ROULEAU, Phillipe. Transparency as metajournalistic performance: The New York Times' Caliphate podcast and new ways to claim journalistic authority. **Journalism**, v. 23, n. 11, 2021.

PRAIA dos Ossos: O crime da Praia dos Ossos. [Locução de]: Branca Vianna. Rio de Janeiro: Rádio Novelo, 12 set. 2020. Podcast. Disponível em: <https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/o-crime-da-praia-dos-ossos>. Acesso em: 26 jan. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SCHUDSON, Michael. Objectivity, Its Variants, and Its Rivals. In: ALLAN, Stuart (org.). **The Routledge companion to news and journalism**. Nova York: Routledge, 2023.

TULLOCH, John. Ethics, trust and the first person in the narration of long-form journalism. **Journalism**, v. 15, n. 5, 2014.

VAN ZONEN, Liesbet. I-Pistemology: Changing truth claims in popular and political culture. **European Journal of Communication**, n. 27, v. 1, p. 56-67, 2012.

VERMA, Neil. Nobody knows anything – Recessive epistemologies in true crime podcasting. In: LINDGREN, Mia; LOVIGLIO, Jason (ed.). **The Routledge companion to radio and podcast studies**. Abingdon/Nova York: Routledge, 2022.

VIANA, Luana. Áudio imersivo em podcasts: o recurso binaural na construção de narrativas ficcionais. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 17, n. 2, 2020.

WAHL-JORGENSEN, Karin. The Strategic Ritual of Emotionality: a Case Study of Pulitzer Prize-Winning Articles. **Journalism**, v. 14, n. 1, 2013.

### **Agradecimentos e informações**

Este artigo representa a confluência de três projetos de pesquisa, um de Produtividade em Pesquisa contemplado com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), outro em nível de pós-doutorado da segunda autora e outro em nível de mestrado do terceiro autor, este também com apoio do CNPq, ambos sob orientação do primeiro autor. É uma versão revista de texto apresentado no Grupo de Trabalho Estudos Radiofônicos durante o 32º Encontro Anual da Compós, realizado na Universidade de São Paulo (USP), de 3 a 7 de julho de 2023. Agradecemos a cada colega que contribuiu para as discussões aqui sistematizadas.